

Do meu dedicado Am. talentoso poe-
ta, o ~~governador~~ Francisco Xavier, talento
de escol, que muito ainda prome-
tte, podendo enriquecer a nossa litte-
ratura; attendendo ao seu generoso appello,
aqui deixo esta modesta chronica,
ainda inedita:

Quous Poetas do meu tempo

Entre o grande grupo de mocos intel-
lectuaes que conheci, quando a minha
imaginação ardente ensaiava os seus
primeiros voos sob as arcadas do tem-
plo da arte, dois fixaram mais firm-
damente na minha alma de artis-
ta, e no meu coração de amigo, o
trazo luminoso de sua lumbra: a
Elameda de Oliveira e Edgard Elba-
tto.

Nenhuma influencia exerceu em
meu meu espirito em formação, prin-
cipalmente porque fui sempre um
rebelde, sob o ponto de vista de arte,
e, si a alguém devo o ter apreendido
a palmellar com coragem o ri-
nuoso caminho da Perfeição, esse
alguém é o Corrego Seráfico de
Bomfim Rocha, grande mestre e
grande amigo, de quem a eterna
ausencia não me sepa um
dia só que sefa.

Edgard e Elameda secluzaram-se

parem, tanto um, como outro, pela
 breancura de suas almas e pela gra-
 deza da arte, de que se fizeram apóstolos
 fervorosos. A escola que ambos pro-
 fessavam nascera em França, por-
 tificada por Chateaubriand, Beaumont de
 Verlaine; em Portugal, por, Eugénio de
 Castro e António de Oliveira; no Brasil,
 por Cruz e Souza e Alfonsus.
 Tinha para a minha intelligencia
 futil, de quasi creança, qualquer
 coisa de sombrio, porque eu era um
 fanático do parnasianismo, de
 Bilac, esse parnasianismo que vive
 agora com todo fulgor, na lyra de
 Manoel de Santa Rosa.

Entretanto, o meu enthusiasmo pe-
 los versos dos dois poetas, fazia-me
 esquecer tudo, para passar masan-
 tado, ao ler os admiraveis alexan-
 drinos de Edgard, poeta mais perfeito,
 e claro, que Chateaubriand. O proprio cau-
 tor de "O caçador de Esmeraldas"
 convidou-me a dizer alguns dos ver-
 sos do "Dictionnaire de la Dérive" de Ed-
 gard, teve para elles os mais suave-
 res elogios e pediu-me que repe-
 tisse um dos quartetos, como
 a querer reter na memoria os
 versos de inextinguivel sonoridade.
 Quando eu disse:

(E sete annos assim passaram
 lentamente

Septenario da sombra e da desillusão...
 alias onde o teu perfil amargurado e
 tinha a ~~ambição~~ ^{doeste}
 tinha a obulha ritual dum templo
 de christão...
 ouvi do grande Bilac que o verso
 qual era um dos mais sensi-
 calmente bellos que havia co-
 nhecido. É que Edgard possuia
 todas as qualidades de um poeta
 de escol. Seria um dos mais so-
 taveis se não se deixasse vencer
 pelo grande amor de sua vida, o ro-
 manço infeliz que o levou ao tu-
 mulo, pouco tempo antes da obra
 que foi o seu livro. Nunca
 lhe passou pela idea sugeirar
 n'um volume os versos que fi-
 caram perdidos, ou esquecidos em
 to das publicações periodicas,
 alguns d'elles ápenas conservados
 de cor, miraculosamente, por
 alguns de seus parentes e dos
 seus amigos. O mesmo fim
 tiveram os de albarneal de
 Oliveira. Não porque este ulti-
 mo se descurasse, como Ed-
 gard, dos versos que como su-
 mba; ao contrario, tinha um
 grande cuidado com as suas
 produções, e, até um certo tem-
 po (meados de 1905) sei o destino
 que o moço poeta lhes dava;

mas por outras razões que desconheço. Almeida era de uma fecundidade admirável, elaboravamos risonhos em Belle Horizonte, e raras era o dia em que não trazia um soneto para me ler. Os seus versos se destinavam a um livro a que elle intitulara "Possa Graça", (e seus) e no qual, a ultima vez que o vi, se achava todo um precioso escripto de lindas folhas litterarias, algumas d'ellas, tam bem publicadas em revistas e jornaes do tempo. Não creio que alguem se tenha interessado pela sorte dos versos de que fallo, depois da morte d'aquella creatura, de originalidade estranha, ora alegre, ora triste, que nos dava a impressão de possuir a alma angelica de um santo.

É quasi certo terem ido parar a mãos profanas e a estas horas devem estar perdidos para sempre. Oxalá que eu me engane. Ambos mereciam bem um pouco mais de carinho das almas amigas, elles que foram, principio que tudo, bom... De minha parte, tenho esperanza de poder tratar um dia, com mais amor, da personalidade e da obra desses dois saudosos amigos, quando a vida

me cressei menos atribulada, num
 livro que hei de escrever.

Pedro Leopoldo, 15-Classe-929.
 Antenor Costa

Ao meu dedicado amigo e talentoso poeta, o jovem Francisco Xavier, talento de escol, que muito ainda promete, podendo enriquecer a nossa literatura, atendendo ao seu generoso apelo deixo aqui esta modesta crônica, ainda inédita:

DOIS POETAS DO MEU TEMPO

Dentre o grande grupo de moços intelectuais que conheci, quando a minha imaginação ardente ensaiava os seus primeiros voos, sob as arcadas do templo da arte, dois fixaram mais profundamente na minh'alma de artista, e no meu coração de amigo, o traço luminoso de sua lembrança: Mamede de Oliveira e Edgar Matta.

Nenhuma influência exerceram em meu espírito em formação, principalmente porque fui sempre um rebelde, sob o ponto de vista de arte, e se a alguém devo o ter aprendido a palmilhar com coragem o sinuoso caminho da perfeição, esse alguém é o Cônego Severiano de Campos Rocha, grande mestre e grande amigo, de quem a eterna ausência não me separa um dia só que seja.

Edgar e Mamede seduziram-me, porém, tanto um, quanto outro, pela brancura de suas almas e pela grandeza da arte de que se fizeram apóstolos fervorosos. A escola que ambos professavam nascera em França, positificada por Mallarmé e Verlaine; em Portugal, por Eugénio de Castro e António Nobre; no Brasil, por Cruz e Souza e Alfonsus.

Tinha para a minha inteligência fútil, de quase criança, qualquer coisa de sombrio, porque eu era um fanático do parnasianismo de Bilac, esse parnasianismo que vive agora com todo o fulgor na lira de ouro de Luiz Carlos.

Entretanto, o meu entusiasmo pelos versos dos dois poetas fazia-me esquecer tudo para pasmar maravilhado ao ler as admiráveis alexandrinas de Edgar, poeta mais perfeito, e claro, que Mamede. O próprio cantor de "Caçador de esmeraldas", ouvindo-me dizer alguns dos versos do "Septenário da dor", de Edgar, teve para eles os mais sinceros elogios e pediu-me que repetisse um dos quartetos, como a querer reter na memória os versos de impecável sonoridade.

Quando me disse: “*E sete anos assim passaram lentamente, septenário da sombra e da desilusão... Mas onde o teu perfil amargurado e doente, tinha a dulia ritual dum templo de cristão...*”, ouvi do grande Bilac que o verso final era um dos mais musicalmente belos que havia conhecido. É que Edgar possuía todas as qualidades de um poeta de escol. Seria um dos mais notáveis se não se deixasse vencer pelo grande amor de sua vida, o romance infeliz que o levou ao túmulo, pouco tempo antes da musa que foi o seu enlevo. Nunca lhe passou pela ideia enfeixar num só volume os versos que ficaram perdidos no esquecimento das publicações periódicas, alguns deles apenas conservados de cor, miraculosamente, por alguns de seus parentes e por seus amigos. O mesmo fim tiveram os de Mamede de Oliveira. Não porque este último se descuidasse, como Edgar, dos versos que compunha; ao contrário, tinha um grande cuidado com as suas produções e até um certo tempo, (meados de 1905), sei o destino que o moço poeta lhes dava; mas por outras razões que desconheço Mamede era de uma fecundidade admirável. Morávamos vizinhos em Belo Horizonte, e raro era o dia em que não trazia um soneto para eu ler. Os seus versos se destinavam a um livro, a que ele intitulou “*Passa Graça*”, e no qual, a última vez que o vi, se achava todo um precioso escrínio de lindas joias literárias, algumas delas também publicadas em revistas e jornais do tempo. Não creio que alguém se tenha interessado pela sorte dos versos de que falo, depois da morte daquela criatura de originalidade estranha, ora alegre, ora triste, que nos dava a impressão de possuir a alma angélica de um santo.

É quase certo terem ido parar em mãos profanas e a estas horas devem estar perdidas para sempre. Oxalá que eu me engane! Ambos mereciam bem um pouco mais de carinho das almas amigas, eles que foram, primeiro que tudo, bons. De minha parte, tenho esperança de poder tratar um dia, com mais amor, da personalidade e da obra desses dois saudosos amigos, quando a vida me correr menos atribulada, num livro que hei de escrever.

Pedro Leopoldo, 15-março-929.

Antenor Horta